

A correspondência

ANA MARIA FREITAS

O espólio literário e documental de José de Almada Negreiros e de Sarah Affonso, a ser tratado no âmbito do projeto *Modernismo online*, apresenta uma vasta secção de correspondência trocada com amigos, familiares, figuras do meio cultural, entidades do Estado, particulares interessados em Arte, representantes de organizações internacionais e um conjunto variado e curioso de gente que solicita apoio, ajuda, ou até a proverbial «cunha». Existe mesmo uma carta anónima que, a propósito da intervenção no caso dos Painéis de S. Vicente, acusa sem se identificar. Pode traçar-se, através da correspondência trocada com o Ministério das Obras Públicas, o evoluir das pinturas murais da Gare Marítima de Alcântara, da decoração das fachadas dos edifícios da Cidade Universitária e não só.

Especialmente interessante é a visão que esta vertente do espólio fornece sobre as interligações de um meio cultural em que a figura de Almada Negreiros ocupava um importante lugar, de Mestre e de referência. Encontramos, entre muitas mais, cartas de Vitorino de Almeida, de Ruben A., de Robert Bréchon, de Mário Cesariny de Vasconcelos (acerca da exposição de Amadeo de Souza-Cardoso, no Porto, e do texto de Almada Negreiros para o catálogo), de Mário Chicó, de Jacinto do Prado Coelho, de Natália Correia (referindo-se à justeza do prémio atribuído a Almada Negreiros), de Armando Cortesão, de Joaquim Paço d'Arcos, de David Mourão-Ferreira, de José-Augusto França, de Natércia Freire, de João de Freitas Branco, de Rogério de Freitas, de Pierre Hourcade, de Mário-Henrique Leiria, de Raul Lino, de Armando Côrtes-Rodrigues, de Luís de Montalvor, de Emmerico Nunes, de Luiz Pacheco (um texto intitulado «O Cesariny muito cansado»), de José de Azeredo Perdigão, de Artur Portela e de António Quadros.

Fernando Amado foi o autor de um conjunto de cartas que sobressaem pela extensão de muitas páginas, pelos temas tratados e pelo tom de conversa continuada, sob forma epistolar, entre dois amigos que se respeitavam e se entendiam. Essas longas e bem preenchidas páginas manuscritas deixavam de lado as questões quotidianas e familiares, apesar da amizade entre as duas famílias, e tratavam de Arte, de conferências e livros, de conceitos e ideologias, comparando reações a acontecimentos, afinidades e diferenças, com respeito e amizade. Por elas podemos, de igual modo, ficar a conhecer pensamentos mais íntimos de Almada Negreiros.

Fernando Amado (1899-1968) foi dramaturgo, encenador e autor de textos sobre pintura, teatro e temas monárquicos (era partidário do integralismo lusitano e da monarquia). Lecionou Estética Teatral e Arte de Representar no Conservatório Nacional. Dirigiu grupos teatrais como

o Teatro Universitário de Lisboa (1955-58), o grupo de teatro da paróquia de S. João de Deus (1956-58), o grupo de teatro da Faculdade de Letras e o grupo de teatro da Academia de Amadores de Música (1960). Foi um dos fundadores da Casa da Comédia, onde encenou *Deseja-se mulher* e, no Teatro-Estúdio do Salitre, encenou ainda *Antes de começar*, duas obras de Almada Negreiros, que conheceu nos tempos do grupo do *Orpheu*.

As cartas de Fernando Amado a José de Almada Negreiros aparentam ser a continuação, mais pensada e com a elaboração permitida pelos tempos próprios da escrita, das conversas de um serão, ou de momentos passados na Brasileira do Chiado e revelam um contacto espiritual enriquecedor e necessário a ambos. Numa delas envia-lhe um ensaio sobre «Os desenhos de Almada»⁶¹. Noutras dizem-se coisas que Fernando Amado prefere não trazer a público, como por exemplo a sua reação às palavras de Eugeni d’Ors (1881-1954), escritor e crítico de arte catalão, proferidas durante um serão passado em casa da família Almada Negreiros.

[...] de assuntos de Arte fala-se entre amigos, mas para quê vir a público? Nada se ganha, a não ser uma ou outra polémica importuna, que nos desvia da posição em que teríamos gosto de ficar. / Claro que em Arte nunca é prazer guardar segredo. Mas pode ser uma prova de virtude. Pelo menos, pode ser necessário. E então é com ânsia e alegria que se aproveita a ocasião de comunicar com quem nos entende, seja embora uma única pessoa. / O valor da nossa amizade está precisamente aí, que não precisamos de esforço para chegarmos ao contacto espiritual, o qual se obtém e se estabelece naturalmente.⁶²

No texto, considera Ors um filósofo «pouco profundo talvez», demasiado ligado ao sistema que criou, que não passa de uma reformulação de um velho dualismo: «os dois princípios, o masculino e o feminino; um que constrói e conserva, outro que destrói e renova; o princípio extático e o dinâmico, etc.» Não lhe perdoa uma crítica a Maurras, o «grande crítico do Romantismo», injusta e superficial na sua opinião, um exemplo das «partidas que um sistema pode pregar a quem o inventou». Após analisar, em profundidade, a filosofia de Eugeni d’Ors e a de Maurras, o autor da carta preocupa-se com a reação do amigo:

Estou a importuná-lo, meu caro José, com esta divagação? Sei muito bem que outras coisas o interessam em mais elevado grau que a política. No entanto, recordo-me que na noite em que o E. d’Ors esteve em sua casa, v. mostrou desejo em que eu não deixasse ficar sem resposta a acusação contra Maurras.

61 V. n.º 74 do catálogo.

62 Documento (ANSA-COR-9) não incluído no catálogo.

Termina, em *post scriptum*, lembrando a opinião de Sarah Affonso acerca da pintura abstrata (que devia derivar do Futurismo) e propõe abordar aquele interessante problema na próxima conversa.

Noutra longa carta, o assunto é uma conferência sobre o Impressionismo a que ambos tinham assistido em ocasiões diferentes e sobre a qual já tinham trocado impressões numa conversa telefónica:

Meu caro José Almada / Desde 3.^a feira que estou para lhe escrever, a propósito da conferência na sala Algarve. Muitas ideias adormecidas tomaram de novo para mim importância de primeiro plano. Apeteceu-me pô-las por escrito. E então pensei: porque não escrever ao Almada? A conferência foi feita não por um artista mas por um espetador interessado. As desvantagens saltam aos olhos. Quem tivesse vindo com a esperança de encontrar uma espécie de janela aberta sobre as obras de Cézanne, Renoir e Degas, há de ter sofrido uma decepção. Não foi o meu caso, graças à conversa telefónica que tive consigo na véspera.⁶³

Dececionado com o modo como o conferencista desenvolvera o tema de forma superficial, mais própria de um *marchand de tableaux*, focando sobretudo os aspetos pitorescos da obra de génios como Degas, Cézanne e Renoir, Fernando Amado vai além do Impressionismo e desenvolve o tema da relação entre os artistas e a sociedade em que vivem.

Existe ainda no espólio uma muito longa (dezasseis páginas) e curiosa carta de Fernando Amado, datada, como se depreende do texto, do período da Guerra Civil em Espanha. Trata-se da resposta a uma carta de José de Almada Negreiros em que este se mostrara chocado com as atrocidades relatadas nas notícias. A posição de cada um deles era, senão oposta, diferente, mas a abertura de espírito permitia a discussão dessas diferenças:

Meu caro José / A sua carta, que recebi bastante atrasada (quase uma semana), é um ardente e generoso desabafo perante as atrocidades cometidas em Espanha. Como tal lha queria agradecer, pois sei que com tamanha liberdade v. não costuma falar com muita gente. / E no entanto, porque não dizê-lo?, tive ensejo de recordar com saudade outras cartas suas, em que o seu espírito se revelava, movendo-se em torno de ideias transcendentais e simpáticas. Até o seu estilo, linha habitualmente tão pura, sofreu agora com a escolha do assunto. / Só tenho pena que, pelo modo por que v. diz honrar-se em nada perceber de política, pareça desaproveitar os que se orgulham duma atitude inversa, tanto mais que, sendo eu um deles, um pouco da desafeição há de recair sobre mim. / De resto, eu compreendo que a sua carta é um ato de lealdade, veemente como todos os atos de

63 Documento (ANSA-COR-11) não incluído no catálogo.

lealdade. / Ah! Meu caro José, como foi inútil v. referir-se à sua sinceridade! Se ela vibra em cada uma das frases! Mas, vê v., em Arte a sinceridade é quase tudo, a sinceridade em política, sobretudo na boca de um artista feito como v. é, pode ser mais do que insuficiente, porque desproporcionada ao objeto em questão.⁶⁴

As questões da situação do artista face à política e o papel da arte em cada um dos modelos de sociedade da época, com incidência nas duas grandes ideologias, comunismo e fascismo, e nos países onde estas estavam em vigor, são amplamente e francamente desenvolvidas, com a tal sinceridade a que Amado se refere. Temendo talvez que, apesar de tudo, essa mesma sinceridade tivesse ensombrado a amizade, Fernando Amado termina da seguinte forma: «Terei sido imprudente ou apenas leal como v. foi comigo? Terei afastado ou aproximado a hora da nossa colaboração? Aguardarei a sua resposta, meu caro José.»

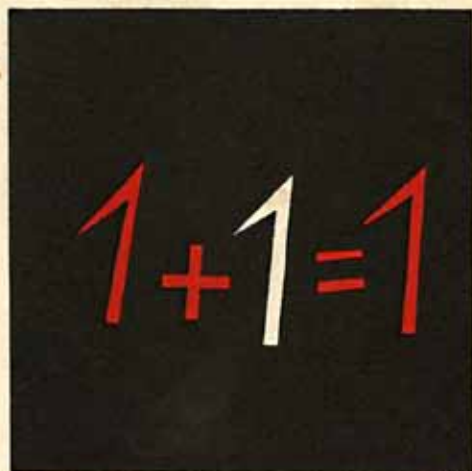
Apesar dos receios de Fernando Amado, a relação entre os dois não foi posta em perigo pelo seu desabafo como se conclui da concretização do desejo de ambos anos mais tarde. Amado vem a encenar duas importantes peças de Almada Negreiros: *Antes de começar* em 1949 e *Deseja-se mulher* em 1962.

64 V. n.º 67 do catálogo.

josé de almada negreiros

deseja-se

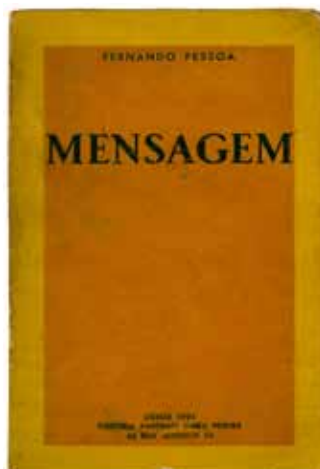
MULHER



espectáculo
em 3 actos
e
7 quadros

Do Sr. de Almada Negreiros
(via, Bibi do Siphon!),
com a amizade,
a admiração e o
entusiasmo de
sempre,
e um grande abraço,
ff. o
Fernando Pessoa
13-1-1954.

[62]



Para el Gran pintor
ibérico
Almada Negreiros,
cuyo valor universal
profeticé
en el año 1912.
Dedico,
ferrocamente
con toda mi admiración,
Schnius all'alt
Lisboa 2 de Junho de 1946

[73]

À Almada Negreiros, que
também é pintor.
À Almada Negreiros, que
também é poeta.
E como dos dois que é
a razão por que tenho
o respeito
Estalica
(Omeu)
Lisboa, 27

[97]

Almada por contar

COORDENAÇÃO

Sara Afonso Ferreira
Sílvia Laureano Costa
Simão Palmeirim Costa

CATALOGAÇÃO

Sara Afonso Ferreira
Sílvia Laureano Costa
Simão Palmeirim Costa

Coordenação Técnica

Fátima Lopes

TEXTOS

Ana Maria Freitas
Família Almada Negreiros
Fernando Cabral Martins
Manuela Parreira da Silva
Sara Afonso Ferreira
Sílvia Laureano Costa
Simão Palmeirim Costa

EDIÇÃO

«Textos de Almada por contar»

Fernando Cabral Martins
Luís Manuel Gaspar
Sara Afonso Ferreira

DESIGN

TVM designers

CAPA

José de Almada Negreiros no Hotel Vitória, Lisboa, 1934 [58]

PRÉ-IMPRESSÃO

Área de Gestão Editorial BNP

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Printer Portuguesa
Setembro 2013

DEPÓSITO LEGAL 363 841/13

TIRAGEM 1000 exemplares



Biblioteca Nacional de Portugal - Catalogação na Publicação

ALMADA POR CONTAR

Almada por contar / coord. Sara Afonso Ferreira, Sílvia Laureano Costa, Simão Palmeirim Costa ; catalogação Sara Afonso Ferreira, Sílvia Laureano Costa, Simão Palmeirim Costa ; coord. técnica Fátima Lopes ; textos Ana Maria Freitas [et al.]. – Lisboa : Biblioteca Nacional de Portugal : Babel, 2013. – 182 p. – (Catálogos)

ISBN 978-972-565-496-5

- I – FERREIRA, Sara Afonso, 1977-
- II – COSTA, Sílvia Laureano, 1982-
- III – COSTA, Simão Palmeirim, 1984-
- IV – LOPES, Fátima, 1956-
- V – FREITAS, Ana Maria

CDU 012Negreiros, Almada
821.134.3Negreiros, Almada(01)
017.1(469)
061.4

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Museu Coleção Berardo [115, 116]
Biblioteca Nacional de Portugal [3, 6, 7, 10, 15, 16, 30, 32, 33, 34, 41]
Centro de Arte Moderna [20-26, 28, 37, 61]
Projeto *Modernismo online* [1, 2, 4, 5, 8, 9, 11-14, 17-19, 27, 29, 31, 35, 36, 38-40, 42-60, 62-114, 117-121]

AGRADECIMENTOS

Catarina Almada Negreiros; Maria José Almada Negreiros;
Pedro Bidarra; Pierre Stark; Rita Almada Negreiros

Ana Vasconcelos; Anabela Almeida Gonçalves; Carlos Abreu;
Catarina Crespo; Cristina Ferreira; Diogo Fernandes;
Francisca Mendonça; Graça Manta; Helena Borges; João Bicker;
Nicole Oliveira Marques; Rita Lougares; Sílvia Rocio

Exposição organizada no âmbito do projeto *Modernismo online: Arquivo virtual da geração de Orpheu* (IELT – FCSH/UNL), financiado pela FCT e desenvolvido em parceria com os herdeiros de Almada Negreiros, a BNP e o CAM.

Equipa de investigação
Ana Maria Freitas; Fernando Cabral Martins (Coordenador); Luísa Medeiros; Manuela Parreira da Silva; Sara Afonso Ferreira; Sílvia Laureano Costa; Simão Palmeirim Costa.